

ARISTÓFANES E AS CRÍTICAS À PEDERASTIA E AOS BANQUETES HOMOERÓTICOS NO Vº SÉC. A.C.

*Luiz H. Bonifacio Cordeiro*¹

RESUMO

As comunidades gregas do período clássico viveram em um grande emaranhado de relações de poder. Esta comunicação tem o fim de expor as representações a que a pederastia e as relações homoeróticas estavam submetidas na comédia do ateniense Aristófanes. O teatro grego, por ter finalidade pedagógica, era um artifício político naquela sociedade, o que torna o discurso aristofânico uma representação de um grupo político e, mais que isso, de um grupo social, permitindo-nos observar as influências ideológicas em suas sátiras. As críticas de Aristófanes às relações homoeróticas visavam a preservar a ordem política e o poder social dos *aristhói* em uma sociedade em transformação, a Atenas do século V.

Palavras-chave: Pederastia; Homoerotismo; Teatro Grego; Representação.

ABSTRACT

The Greek communities of the classical period lived imbricated in various power relations. This communication has the purpose of exposing the representations that pederasty and homoerotic relationships were submitted in the comedy of Aristophanes Athenian. The Greek theater, with pedagogical purpose, was a political artifice into that society which makes the Aristophanes' speech a representation of a political group, and more than that, a social group, allowing us to observe the ideological influences in his satires. The criticism of Aristophanes to homoerotic relationships were intended to preserve the order of the polis and the social power of *aristhói* in a changing society, the Athens of the fifth century

Keywords: Pederasty; homoeroticism; Greek Theatre; Representation.

¹ Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro é mestrando no Programa de Pós Graduação em História Política da UERJ, na linha de pesquisa *Política e Cultura*, com financiamento de bolsa da CAPES. É orientado pela Profª Drª Maria Regina Candido, com projeto versando sobre as imbricações políticas nas comédias do dramaturgo ateniense Aristófanes, no que concerne às valorizações à educação aristocrática em Atenas. É membro do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Leitorado Antigo/ UPE, desenvolvendo trabalhos ligados ao uso do teatro grego para o ensino de história grega antiga. E-mail: luizhenrique_bc@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo apresentar as críticas do dramaturgo Aristófanes às práticas homoeróticas na sua sociedade, a Atenas do final do século V, tomando por base documental a comédia *As Nuvens*, encenada pela primeira vez em 423 a. C. Na referida peça, o dramaturgo critica aspectos práticos da pederastia que, segundo ele, parte dos *aristhói* (aristocracia ateniense) e havia perdido o sentido educacional da relação ritual. Identificamos no discurso aristofânico um sentido tradicionalista, característica pungente em suas críticas e posicionamentos políticos.

Levamos em consideração que a pederastia envolve a relação com o corpo e que a representação do corpo detém uma importância política para os gregos antigos. As construções culturais e políticas sobre os aspectos físicos do corpo humano historicamente têm participado das representações a que ele foi imposto. As escolhas políticas, como afirma Robin Fox (1987), permeiam incessantemente as relações sexuais em várias sociedades ao longo do tempo, e assim foi com os gregos. Em conformidade com essa premissa, partimos da abordagem conceitual de que a sexualidade é uma das características humanas produzidas socialmente, inserindo-a no campo da cultura e da política. Assim, como afirmam Peter Fry e Edward Macrae (1983, 15), há construções sociais sobre as questões da sexualidade que são "anseios políticos", estando relacionadas a imposições de grupo.

Os anseios políticos de grupo dos segmentos sociais dominantes² impuseram, entre os gregos antigos, concepções em que, culturalmente, o corpo masculino foi representado com o ideal da construção de um homem superior, pautado na honra, desde o período creto-micênico ao clássico. Desde os primórdios da civilização grega, no período da realeza palaciana e micênica, o recurso bélico fez com que o homem

² Consideramos, com base nos apontamentos de Vernant (2007) sobre soberania pólide, que o grupo que na tradição ateniense possuiu um domínio sobre outrem, detendo um status de segmento social dominante, foi a aristocracia tradicional, os detentores de terras na Ática. A partir deles configurou-se o poder político na pólis de Atenas.

grego valorizasse o aspecto físico do corpo como algo a ser preservado³, culminando na valorização política do corpo em períodos posteriores, servindo como ferramenta de honra e poder perante outros homens e no espaço público, além de demonstrar um alinhamento entre estes indivíduos e o bom desenvolvimento de sua pólis.

Os princípios éticos sexuais que permeiam o cidadão ateniense no período clássico encontram-se em constante transformação, assim como a formação política da pólis. As relações e as características da sexualidade na cidadania grega são parte da complexidade do ser cidadão em Atenas e devem servir para compreender cada vez mais o âmago das ações políticas, assim como as ações políticas devem ajudar a entender como a sexualidade era representada. O posicionamento de Aristófanes é apenas um dos argumentos que visam a formar opiniões sobre a ética sexual políade, havendo outros, tão políticos quanto o dele.

Consideração importante é que Aristófanes, como comediógrafo, possui um lugar privilegiado de fala, o espaço público do teatro, que, por sua vez, é considerado por nós como um espaço pedagógico na sociedade ateniense. Segundo Francisco Oliveira (1993, 69), o teatro tinha a “missão pedagógica” de multiplicar a “ideologia oficial”. Em conformidade com os valores tradicionais e aristocráticos, o comediógrafo agiu como um propagador dos argumentos políticos dominantes sobre os símbolos culturais de sua sociedade.

Aristófanes era um propagador de opiniões, o que torna importante a análise de seu discurso, levando em consideração que o discurso é prática da linguagem, necessitando dos símbolos culturais para ser inteligível, e é dependente do que Eni Orlandi (2012) chama de “interdiscurso”, a memória do sujeito do discurso, que está ligada às influências de ideologias nas representações da cultura, o que nos permite

³ Ver: VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento grego. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

observar Aristófanes como indivíduo característico de um grupo, a aristocracia. Nesse sentido, a obra aristofânica age no espaço do teatro como uma ferramenta de estruturação da memória para o público que assiste às apresentações, não negligenciando aqui os diferentes tipos de recepção dos argumentos textuais do autor por parte do público, que era heterogêneo, formado tanto por membros da aristocracia quanto da oligarquia emergente e por uma grande variedade de grupos de diversos demos. No entanto, consideramos essa função inserida no trabalho da comédia devido ao caráter de monumento do espaço do teatro, que funciona como campo de comemoração e perpetuação das tradições.

Como afirma Michael Pollak (1989), as questões do momento funcionam como relações de força, com argumentos convincentes, suscitando lembranças que fazem parte da memória coletiva sobre valores, acontecimentos, lugares e personagens, e seu discurso, portanto, estrutura a sua memória e dos que o ouvem e, eventualmente, o seguem. O real vivido pelo comediógrafo foi preponderante na sua produção, sendo a base de seu texto. Tal como afirma Maurice Halbwachs (1990, 26), a memória individual sempre acompanha alguma referência de um grupo. Olhamos ao mesmo tempo com nossos olhos e com os olhos dos outros; isto é, as lembranças pessoais estão inseridas em narrativas coletivas, reforçadas, como afirma Elisabeth Jelin (2001, 21), por rituais e comemorações sociais. Nesse viés, podemos entender a comédia como uma projeção da memória.

Mais do que um agente de discurso, formador de opiniões, Aristófanes pode ser considerado um formador de identidades. Para Pollak (1992), a identidade é formada por fronteiras físicas (ligadas ao pertencimento a um grupo), pelo tempo (como continuidade de valores a serem reproduzidos) e por um sentimento de coerência (unidade dos valores, estando ligados também a um grupo). Quando, em conformidade com essas características, Aristófanes desenvolve suas sátiras para

promover uma permanência do que ele e seu grupo de referência defendem, está fazendo uso do teatro como um espaço de domínio simbólico para impor a identidade de seu grupo à heterogeneidade de indivíduos e grupos que ali estão presentes.

O dramaturgo se contrapõe a práticas inovadoras que colocavam em xeque a estabilidade da tradição aristocrática. No trecho abaixo citado, da comédia *As Nuvens*, no debate entre o *Argumento Justo* (educação tradicional, aristocrática) e o *Injusto* (Educação nova, a sofística), para decidir quem se responsabilizaria pela educação do jovem filho de *Estrepsíades*, fazendeiro asilado na cidade por causa da guerra do Peloponeso, o *Argumento Justo* se dirige ao jovem (*Fidípides*), que está prestes a decidir qual será seu tutor:

Argumento Justo - Passarás, todavia, o tempo nos ginásios, sadio e viçoso, e não tagarelando na Ágora, e discorrendo sobre futilidades, como os de hoje, nem te deixarás entusiasmar por processozinhos de chicaneiros habilidosos e argutos. Descerás à Academia e aí, à sombra das oliveiras sagradas, disputarás corridas, coroadado e leve caniço, com um amigo de tua idade, cheirando a salsaparrilha, a tranquilidade, a botões de choupo branco, desfrutando a primavera, quando o plátano cochila ao lado do olmeiro. Se fizeres o que te digo e te dedicares a isso, terás sempre um peito robusto, a tez clara, os ombros largos, língua curta, um traseiro cheio, um pênis normal. Se, pelo contrário, praticares os hábitos hodiernos, terás logo uma tez pálida, ombros estreitos, peito delgado, língua comprida, traseiro murcho, pênis anormal. e... capacidade de propor leis prolixas! Ele te conduzirá a considerar honesto tudo o que é indecoroso e indecoroso o que é honesto [...]. (ARISTÓFANES, *As Nuvens*, vv. 1002-1020)⁴

⁴ Toda a peça se desenvolve em torno de uma dualidade de pensamentos e práticas, sobre as quais o dramaturgo promove a caracterização de uma como justa e outra não. As consequências, como vimos nesta citação, são bem mais amplas do que a simples relação direta com a escolha. Há várias outras passagens da peça em que o dramaturgo envolve de significados pejorativos as práticas que não valorizam a tradição, relacionando o riso pelo ridículo ao homoerotismo.

Os ensinamentos aristocráticos visavam à formação da *areté* (virtude: a perfeição do cidadão em conformidade com os valores da pólis). Na educação aristocrática, desde o período arcaico, ligada ao ideal de perfeição advindo da antiga valorização da virilidade física do período creto-micênico⁵, era praticada a pederastia, que, em linhas gerais, era um ritual educacional com a finalidade de formar jovens de ricas e tradicionais famílias aristocráticas, onde o *erastés*, um cidadão bem nascido e bem visto socialmente iniciava à vida adulta um adolescente, o *erómenos*. A pederastia tradicionalmente reproduzia os ideais coletivos dos *aristhói*, o vigor, a saúde e a sagacidade, que, após formado cidadão, o jovem aristocrata utilizava-os para o seu bem e o bem político da pólis.

Ainda no início do século VI, o legislador Sólon promoveu mudanças na estrutura socioeconômica ateniense. Sólon foi eleito arconte ateniense em 594 a. C. Seus feitos produziram consequências desde o direito político até a economia ateniense. Aboliu a escravidão por dívidas e instituiu classes censitárias, além de, a partir dele, se começar a circular moeda na Ática; ele promoveu uma reforma nos pesos e medidas. Foi a partir das transformações desse período que o comércio de exportação e importação passou a ganhar expressividade. No campo jurídico, promulgou leis que tornaram o direito ateniense comum a todos os cidadãos⁶. As reformas desse legislador culminaram, no Vº século, na ascensão do grupo que passou a ser denominado como oligarquia comercial e mercantil, que chamaremos aqui de oligarquia emergente.

⁵ No período da realeza palaciana micênica, valorizou-se bastante a preparação guerreira e, conseqüentemente, a educação dos jovens guerreiros visava a impor virilidade física, como já referenciado. Cf. Vernant (Idem).

⁶ Ver: MOSSÉ, Claude. Atenas: a história de uma democracia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

A emergência desse novo grupo social e político fez com que a aristocracia fundiária, os tradicionais formadores da ordem políade, passasse a ter que dividir o poder público em Atenas e, mais que isso, competir por ele. Esses novos ricos passaram a subverter alguns ideais dos tradicionais detentores do poder na pólis para poder imiscuir-se a esses na ação política. Um dos motivos da crítica aristofânica ao sofisma na peça ora analisada e citada acima é que, além de ser um método educacional novo e que se contrapunha à educação tradicional dos aristocratas, subvertendo indivíduos desse segmento social, era, em grande medida, financiada pela oligarquia mercantil, tendo em vista que cobravam pelos seus ensinamentos. Assim, observamos, nesse período, não apenas uma força condutora da vida política e da ordem oficial, mas uma disputa, conjuntos heterogêneos nesse espaço público da pólis.

Segundo Jean-Pierre Vernant (2007), a cidadania grega passou gradativamente a necessitar de algo distante de forças físicas e individuais do arcaico ao clássico; a soberania pública, no seio social ateniense passou a ter um aspecto cada vez mais coletivo. Para Claude Mossé (2007), a politização da vida privada, por meio da justiça, demonstra a estreita ligação entre a vida política individual e coletiva na pólis. Para Adriaan Lanni (2010), por exemplo, a lei que proibia a participação política a atenienses que se prostituíssem produziu efeito nos comportamentos individuais, sendo fundamental para normas de conduta privada. Foi neste sentido que Aristófanes se aproveitou do homoerotismo para atacar a oligarquia emergente. Esta politização da vida coletiva e individual revela, para Josiah Ober (1989), que existem discursos legitimadores de uma estabilidade inexistente na pólis ateniense no século V. Com essas premissas, o discurso aristofânico impõe-se, no todo do teatro e, mais que isso, da pólis, como um discurso de um segmento social, mediante outro.

Nesse ínterim, as características tradicionais da pederastia já não eram traduzidas na prática de uma forma ideal por todos os adeptos dessa prática educacional. Uma banalização da prática pederástica passou a ser vista como uma agressão aos ideais pelos tradicionais, o que passou a ser reprimido. Aristófanes, ávido por defender os valores de seu segmento social, a aristocracia tradicional, em várias peças criticou os aspectos homoeróticos como elementos que enfraqueciam a unidade ideal da pólis. A relação *erastés-erómenos* passou a ser vista por ele como um contato suspeito, de onde poderiam surgir *philíai* (amizades) carnavalizantes, isto é, que colocariam a ordem e a própria honra da pólis em risco.

[...] Considera, pois, meu jovem, em quantas coisas implica a temperança e de quantos prazeres ficarás privado: garotos, mulheres, cótabo, guloseimas, bebidas, gargalhadas. Com efeito, do que vale a vida se te privares dessas coisas? Continuando: vamos agora às necessidades da natureza. Erraste, amaste, cometeste adultério e em seguida foste apanhado. Estás perdido, porque não sabes falar. Se, porém, estás comigo, goza da natureza, pula, ri, e a nada considera vergonhoso. [...] (ARISTÓFANES, *As Nuvens*, vv. 1072-1079).⁷

As relações homoeróticas como práticas sexuais com fim em si fora da pederastia, então, eram abominadas no discurso aristofânico. Simpósios de *hetairéiai* (grupos políticos) poderiam utilizar-se do homoerotismo simplesmente como elemento para distorcer a ordem. Nessa abordagem podemos ver a crítica de Aristófanes aos sofistas na comédia *As Nuvens*.

Argumento Justo - O quê? E se, por acreditar em ti, lhe enfiarem um rábano no rabo e lhe depilarem o traseiro com

⁷ No mesmo sentido, há outras passagens como nos versos: 100-105; 120.

cinza quente, terá alguma sentença para provar que não é um traseiro largo ⁸?

Argumento Injusto - Que mal lhe acontecerá, se for um traseiro largo?

Argumento Justo - Que coisa pior do que isso poderia acontecer?

Argumento Injusto - Que me terás a dizer se foste derrotado por mim nesse ponto?

Argumento Justo - Calar-me-ei. Que posso fazer? (ARISTÓFANES, *As Nuvens*, vv. 1085-1093) ⁹

De fato, a relação homoerótica fora da pederastia não tinha ligação com seus ideais. Segundo Kennet Dover (2007, 196), em banquetes “o gosto da companhia de um belo adolescente não diminuía em nada o desprezo do sedutor pelo seduzido”. Aí, compreendemos o desprezo a partir da cultura de virilidade em que vivia o homem políade, onde deixar-se cobrir sexualmente por outro homem poderia ser sinal de se deixar dominar por ele e, por isso, não merecer partilhar das honras da cidadania. Para Aristófanes, mesmo na pederastia, havendo homoafetividade, um carinho que ultrapassasse a admiração que o *erómenos* deveria ter pelo *erastés*, esse jovem estaria fadado ao fracasso público como cidadão e, assim, arruinaria sua pólis.

Todavia, como afirma David Halperin (1990, 09), a prática homoerótica em certas ocasiões era tolerada e até mesmo valorizada, como no caso já citado da pederastia. Este autor produziu estudos sobre a pederastia onde não a concebeu como um fator isolado, mas um fio envolvido em uma teia de práticas eróticas e sociais muito maior na Grécia Antiga, desde a camaradagem heroica, a relação de *philia*, até o

⁸ No original, *ευρυπροκτος* (*euryproktos*, traduzido como "ânus largo"). Ver: ARISTÓFANES. *Les Acharniens. Les Cavaliers. Les Nuées*. Traduit par Hilaire Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

⁹ Em outras passagens do texto, o dramaturgo utiliza de argumento semelhante, como em: v. 195, 1100 e 1330.

sexo comercial, a prostituição masculina. Halperin (1990) partiu da concepção teórica construtivista¹⁰ e concluiu que a pederastia contribuiu para a formação de um modelo ideal de sexualidade do homem grego. No entanto, temos que atentar para a concepção de "modelo" e de "homem grego", que estavam relacionadas a grupos políticos específicos, sendo muito mais complexo do que pensar apenas em um modelo social geral.

Aristófanes faz uma representação do todo social ateniense de acordo com as utensilagens mentais de sua conjuntura histórica como agente da representação, que são os mecanismos culturais e intelectuais como pensamento, linguagem e sistema de percepção. Sobre isso, utilizamos a teorização de Roger Chartier (2002), que afirma que a representação é uma imposição coletiva do grupo social que a constrói, ou seja, está sendo impressa uma relação de poder na representação da cultura, impondo uma relação entre o discurso de Aristófanes e os interesses culturais e intelectuais do grupo que detém o poder de representar. O que ocorre aí são “interpenetrações” entre as práticas culturais e a própria cultura através do discurso, gerando “ressignificações” da cultura, havendo um controle dos signos culturais. Para Marshall Sahlins (1990), esse controle dos signos culturais ocorre devido às tentativas de manter a estrutura cultural existente, mas acaba permutando-se com ela através de sua prática, o que gera

¹⁰ Halperin (1990) interage com a antropologia para observar a constituição das práticas sexuais entre os gregos e em qualquer sociedade no espaço e no tempo como relacionadas aos fatores históricos e culturais. Ele se contrapõe à postura essencialista de que os comportamentos sexuais são categorias reconhecidas implicitamente por muitas sociedades. De um ponto de vista construtivista (concepção comungada por vários outros autores, que Halperin mobiliza), esse autor teoriza que os desejos sexuais são aprendidos e que as identidades sexuais são formadas por interações individuais com outros indivíduos. Todavia, atenta ao perigo de não cair na mistificação da ficcionalização dos fenômenos da sexualidade, mas afirma que pode se falar em identidade sexual de grupo, sem falar em unidade biológica. Ele defende ainda que quanto mais nos tornamos conscientes da vida erótica, estamos mais inclinados a acreditá-la como natural. Todavia, a pluralidade de subculturas sexuais mostra que a sexualidade é algo mais que um reflexo natural da atividade sexual. Os gregos, por exemplo, possuíam opiniões diversas sobre o comportamento sexual masculino e as práticas decorrentes desses comportamentos.

transformações mútuas. Dessa forma, ao tentar impor sua ideologia e manter a estrutura cultural tradicional em sua sociedade, Aristófanes acaba, em sua prática discursiva, sendo moldado pelos símbolos culturais e transformando sua prática, que tem a intenção de controlar a cultura, mas acaba transformando-a ciclicamente.

Para concluir, o que podemos observar ao fazer uma análise de discurso na comédia *As Nuvens*, de Aristófanes, é que o poder e os elementos culturais dos *aristhói*, apesar de fragilizados, ainda servem de modelo para este grupo no final do século V. Além disso, consideramos a tese de Josiah Ober (1989) de que o período estudado não foi marcado por estabilidade política, muito pelo contrário; havia na Atenas do século V várias forças contrárias entre si que foram determinantes para o desenvolvimento político posterior da pólis, que no século IV já não possuía mais fôlego para competir com as outras potências e iniciou um processo de fragmentação. Aristófanes é apenas um dos "topoi retóricos" ¹¹ acerca dos princípios éticos sexuais no século V e, contrária a ele há a representação, por exemplo imagética, em inúmeros vasos de figuras vermelhas ¹², demonstrando a incongruência de opiniões no período analisado, o que nos permite afirmar que a Atenas do final do Vº século é uma pólis em constante transformação, que, por meio dos conflitos internos, vive à base de negociações.

¹¹ Expressão utilizada por Ober (1989), ao caracterizar conflitos a partir da palavra política na Atenas clássica.

¹² Ver: CANTARELLA, Eva e LEAR, Andrew. *Images of Ancient Greek pederasty*. New York: Routledge, 2008; e JOHNS, Catherine. *Sex or symbol? Erotic images of Greece and Rome*. London: British Museum Press, 1982. Ver especialmente as imagens de sedução.

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ARISTÓFANES. As Nuvens. Tradução do grego por Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

_____. Les Acharniens. Les Cavaliers. Les Nuées. Traduit par Hilaire Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. A História Cultural – Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

DOVER, Kenneth J. A Homossexualidade na Grécia Antiga. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

FOX, Robin. As condições da evolução sexual. In: ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades ocidentais. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 9-24.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense: 1983.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALPERIN, David. One hundred years of homosexuality and others essays on Greek. Londres: Routledge, 1990.

JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memória. Madrid: Siglo XXI de España Editores S.A., 2001.

LANNI, Adriaan. Effect of the Athenian Prostitution Laws. In: Classical Antiquity. University of California Press. Vol. 29, N° 1, 2010, p. 45-67.

MOSSÉ, Claude. Justice et le politique à Athènes. In: PANTEL, Pauline Schmitt e POLIGNAC, François de (orgs.). Athenes et le politique: dans le sillage de Claude Mossé. Paris: Albin Michel, 2007.

OBBER, Josiah. Mass and elite in Democratic Athens: rhetoric, ideology and the power of the people. Princeton University Press, 1989.

OLIVEIRA, Francisco de. Teatro e poder na Grécia. In: Humanitas - vol. XLV. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993, pp. 69-94.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 2, N° 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5, N° 10, p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. Le Nascence du politique. In. PANTEL, Pauline Schmitt e POLIGNAC, François de (orgs.). Athenes et le politique: dans le sillage de Claude Mossé. Paris: Albin Michel, 2007.

Artigo Recebido em: 26 de junho de 2013.

Aprovado em: 06 de janeiro de 2014.

Publicado em: 30 de abril de 2014.